

# ETNOGRAFIA E ESTUDOS SOBRE CURRÍCULO: uma aproximação possível<sup>1</sup>

CÁSSIA FERRI <sup>2</sup>

## Resumo

O texto objetiva evidenciar as possibilidades de articulação entre a etnografia e os estudos sobre currículo. Explicitando conceitos, o modo de realização dos estudos etnográficos e, ainda, as técnicas desenvolvidas nesta metodologia, pretendeu-se ampliar as perspectivas para as pesquisas que têm como objeto o cotidiano das escolas e das práticas pedagógicas.

## Abstract

The aim of this text is to show the possibilities of linking ethnography with curriculum studies. Concepts are explained by carrying out ethnographic studies. Furthermore, the techniques developed in the methodology are intended to widen research perspectives concerning the daily routine of schools and teaching practices.

<sup>1</sup> Este texto é parte integrante da Tese de Doutorado “Gênese de um currículo multicultural: tramas de uma experiência em construção no contexto da educação escolar indígena” defendida na PUC/SP no Programa de Pós-Graduação em Educação – Currículo.

## Palavras-chave:

Pesquisa educacional, etnografia, currículo.

## Introdução

As aproximações entre a etnografia e pesquisas em currículo fizeram-se necessárias (e tornaram-se indispensáveis) a partir do desafio de escrever uma tese de doutorado que objetivava acompanhar a elaboração de um currículo multicultural no contexto da educação escolar indígena. Analisar este processo constituiu-se num desafio, porque, embora tivéssemos algumas informações sobre estudos etnográficos e sua utilização em pesquisas escolares, foi preciso revê-los e estudá-los em vários momentos da pesquisa realizada.

<sup>2</sup> Doutora em Educação – Currículo pela PUC/SP. Professora do PPG/ME da Univali. E-mail: cassia@bc.univali.rct-sc.br

Na prática escolar, bem como nos diversos trabalhos (antropológicos, lingüísticos e outros) realizados em comunidades indígenas<sup>3</sup>, o uso de estudos do tipo etnográfico permitem o entendimento e a descrição de como são veiculados e reelaborados os modos de ver e sentir a realidade e o cotidiano, seja o da comunidade, seja o da sala de aula. Isso significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações de interação que constituem o seu dia a dia, apreendendo as forças que a impulsionam ou que a retêm, identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar e compreendendo o papel e a atuação de cada sujeito neste complexo interacional onde as ações, relações, conteúdos são construídos, reconstruídos ou modificados (André, 1995, p. 41).

Neste sentido, a etnografia como caminho metodológico nos permitiu percorrer a trajetória da elaboração de um currículo multicultural no contexto da educação escolar indígena, apresentando-se como uma das possibilidades de realização desta pesquisa, apoiada também pela experiência de inúmeros estudos nesta área que a utilizam como procedimento de pesquisa.

Em trabalhos como os de Jordán (1995); Torres Santomé (1995); McLaren (1992); Bronfman & Martinez (1996); Woods & Hammersley (1995) se observa a pertinência entre os procedimentos etnográficos e as investigações levadas a cabo por estudiosos interessados na problemática das minorias culturais, questões de gênero e etnias e relação com a escola e o currículo.

## Etnografia: Uma “densa” descrição cultural

A etnografia tem sido definida como a ciência da “descrição cultural” porque se desenvolve sob o modelo das investigações antropológicas. Assim sendo, o investigador observa regularmente e durante um prolongado período de tempo um grupo humano (uma sociedade, uma escola, um espaço social...) no desenvolvimento de suas atividades cotidianas. Interessa-se pelo que as pessoas fazem, como se comportam, como interagem entre si. Busca descobrir quais suas crenças, seus valores, perspectivas, motivações, modo como estas questões se desenvolvem em tempos e situações diferentes.

Estas observações são feitas dentro do grupo e dentro das perspectivas dos membros do grupo. O que se busca é entender seus significados e interpretações, o modo como cada um destes grupos constrói suas realidades.

Os primeiros pesquisadores a utilizarem esta forma de trabalho, como Margaret Mead, Malinowsky e outros, fizeram suas observações em povos isolados e com formas culturais e organizações sociais muito diferenciadas do restante do mundo

<sup>3</sup> Poderíamos citar aqui os trabalhos de: MONTE, N. L. **Escolas da Floresta:** entre o passado oral e o presente letrado. Rio de Janeiro: Multiletra, 1996. LAGROU, E. **Uma etnografia da cultura Kaxinawá:** entre a Cobra e o Inca. 1991. Dissertação de Mestrado - UFSC, Florianópolis. BUSQUETS, M. B. **Adaptaciones docentes en una comunidad Mazahua. Nueva Antropologia.** México, n. 42, jul. 1992. LEITE, A. G. O. **Educação Indígena Ticuna:** livro didático e identidade étnica. Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 1994.

conhecido até então, o que as tornava bastante evidentes. O estudo destas culturas e suas práticas sociais contribuiu para que os pesquisadores percebessem a necessidade de conhecer profundamente sua língua, a utilização de seus conceitos e o modo como interpretavam suas crenças e experiências.

Tratava-se, então, não de se fazer uma fotografia rica de detalhes, mas reconhecer que a vida em grupo é um fluxo dinâmico marcado por um processo cheio de oscilações, ambigüidades e incongruências.

O que acontece no caso da utilização da etnografia nas pesquisas em educação não é diferente. As técnicas etnográficas permitem desvelar os encontros e desencontros que permeiam a prática escolar, descrever as ações e representações dos sujeitos e os significados criados e recriados no cotidiano da prática pedagógica.

Nesta perspectiva, a instituição escolar tem uma cultura específica que se conhece através do contato direto e no contexto dos comportamentos de seus atores sociais, assim como através dos significados sociais que os atores elaboram através de suas práticas, fazendo emergir um modo de funcionamento, culturalmente determinado, porém, por vezes invisível aos olhos destes mesmos atores.

Há, nesta compreensão, a percepção de que os membros de um grupo são sujeitos interativos, ou seja, ao mesmo tempo que se admite as especificidades que os fazem únicos, se considera que a elaboração de suas subjetividades está, desde o nascimento, marcada pelas normas e valores de sua cultura, evoluindo no seio das relações sociais que também estão determinadas culturalmente.

Concebe-se a investigação, então, como uma “descrição densa” da realidade social (Geertz, 1989) onde o trabalho de campo apóia-se essencialmente na observação de uma prática social, o que exige que se disponha de métodos de observação suficientemente flexíveis para captar as interações imprevistas e reveladoras dos valores e das contradições da cultura estudada.

Considerando que a instituição escolar constitui uma cultura no sentido de que está estruturada em torno de um conjunto de valores que lhes são próprios e que atuam globalmente sobre seus membros, é possível sustentar que a prática etnográfica permite descobrir a cultura de um grupo e a maneira como essa cultura se expressa nas interações sociais.

É preciso, portanto, perceber as interações que ocorrem em todas as instâncias escolares e situá-las no complexo tecido da estrutura institucional que fixa as regras do que é possível na escola.

As análises precisam prosseguir de modo a detectar as normas subjacentes, as definições dos papéis e das práticas observadas e, num outro nível ainda, procurar interpretar essas práticas e suas trajetórias à luz de outros contextos restaurados pela dimensão histórica.

Ogbu (1993) proporciona-nos uma reflexão no sentido de relacionar o que está se passando na sala de aula ou escola com os fatos sociais e históricos que configuram os contextos onde transcorrem. Esta perspectiva pode organizar-se

em círculos concêntricos que, partindo por exemplo da sala de aula, pode-se integrá-la em contextos sucessivos: a análise dos coletivos a que pertencem a população estudada, o estudo do estabelecimento e do sistema educacional do país ou da região onde se encontra a escola, o estudo sócio-histórico do bairro, a análise das principais tendências sociais da região ou da cidade.

Nesta relação entre o cotidiano e seu contexto mais amplo, julgamos importante compreender melhor o que se entende por cotidiano. Assim, é oportuna a definição dada por Kosik (1976) para quem a cotidianidade refere-se à organização do dia a dia da vida individual dos homens, em cujo ritmo se esvai a sua história, e em que o mundo material e humano não é intuído em sua originalidade e autenticidade; ele simplesmente é. O cotidiano é o mundo da experiência imediata, da familiaridade, da intimidade, da instintividade mecânica, da repetição e da interpermutabilidade, visto cada dia poder ser permutado por outro dia correspondente, do qual só se diferencia, e emerge, na memória, graças a algo particular ou excepcional. Assim, importa no processo de conhecimento, ultrapassar o obstáculo da familiaridade cotidiana. Importa ultrapassar a atenção das simples descrições e dos documentários da vida imediata, pelos quais o cotidiano se vê destituído de dimensões históricas.

Assim sendo, o entendimento da realidade da escola e da sala de aula implica penetrar em sua vida cotidiana buscando-lhe suas determinações. Implica em realizar uma análise contextualizada dessa vida captando-a, em sua dinâmica, a história construída pelos seus sujeitos no dia-a-dia da prática escolar, tendo por objetivo explorar as suas contradições.

Os estudos etnográficos, de acordo com Woods (1995), têm auxiliado a compreensão de algumas questões da prática pedagógica, tais como:

- A) os efeitos que têm sobre os indivíduos e grupos as estruturas organizativas e as mudanças que nelas se produzem;
- B) a socialização e o percurso escolar de alunos e professores com ênfase nas experiências subjetivas e em períodos transitórios chaves (pode-se citar com exemplos similares ao que o autor fornece, as passagens da educação infantil para a 1ª série, da 4ª para a 5ª série, o vestibular e outros);
- C) as culturas de grupos particulares tais como as subculturas dos professores, a cultura da sala dos professores, as classificações de alunos em grandes grupos (moças/rapazes, brancos/negros, etc);
- D) a ação dos professores, que estratégias utilizam e o significados que se ocultam por detrás destas, incluindo o controle disciplinar, as estratégias dos alunos para responder ao professor, etc;
- E) as atitudes, opiniões, crenças dos professores sobre o ensino e alunos e destes em relação aos professores, à escola, ao ensino, aos colegas, ao futuro;
- F) a influência de situações particulares (eventos/acontecimentos) nas opiniões e nos comportamentos e como são constituídas.

Neste universo, interessa à pesquisa etnográfica, particularmente, os “rituais escolares”. De acordo com Bronfman & Martínez (1996) os rituais são conjuntos de comportamentos codificados que se executam em circunstâncias e situações precisas, com o objetivo de manter uma certa ordem social e de proporcionar um marco tranquilizador aos membros do grupo.

Pelo seu caráter repetitivo e trivializado, os rituais acabam por turvar a consciência, de maneira que as pessoas deixam de perceber as ações que executam cotidianamente e deixam de perceber, também, o sentido que as mesmas possuem.

No que se refere à escola, enfatiza-se o fato de que os rituais instituem-se de forma a parecerem “naturais”: as crianças que sempre assistem ao mesmo tipo de aula não se dão conta de que existem rituais; os professores consideram estas práticas indispensáveis para o bom funcionamento da escola, mas não se perguntam (ou o fazem raramente) sobre a pertinência ou a mudança destas práticas.

Da mesma forma, quando o etnógrafo dedica-se ao estudo de sua própria cultura ou de uma instituição que funciona em sua cultura (como é o caso da escola) encontra-se diante de uma dificuldade considerável: suas práticas são moldadas pelas normas da cultura que está estudando, é produto desta cultura e, por isso, é mais complexo e difícil perceber seus matizes.

Devereux (apud Bronfman & Martínez, 1996, p. 39) afirma que

*(...) la cultura de un pueblo es una estructura, un sistema de valores, una concepción de tiempo y del espacio, una concepción de sí y de las relaciones interpersonales, de las relaciones de poder, de las normas que rigen la vida cotidiana y de sus prácticas, un modo particular de estructurar las representaciones y los símbolos que ese grupo humano usa en la organización de la vida social - tanto en general como en lo que se refiere a cada uno de sus miembros.*

Ou seja, a cultura constitui o sujeito por inteiro e, por isso, modela também seus sistemas de defesa e seu inconsciente. Porém, é fato também que a cultura é um conjunto móvel, instável e aberto, que se transforma constantemente e, portanto, com fronteiras abertas, porque está contida nas práticas sociais e estas, ao mesmo tempo que são formadas pela cultura, também transformam-na.

Assim, torna-se imprescindível que o pesquisador articule a observação sistemática dos comportamentos com as explicações que pode oferecer o conhecimento específico desta cultura sobre as situações estudadas.

## Técnicas Etnográficas<sup>4</sup>

Woods (1995) chama a atenção para o fato de que a técnica mais importante para a etnografia é a de observação participante. A idéia de participação é a penetração nas experiências do grupo. Colocar-se dentro do grupo e contribuir com seus interesses, experimentar, pessoalmente e ao mesmo tempo essas experiências em conjunto com os demais, torna a observação mais próxima.

Compartilhar as atividades implica necessariamente na aprendizagem das regras e modos de comportamento, na adoção de responsabilidades. Isso auxilia o pesquisador a experimentar as normas, os valores, os conflitos e pressões do grupo.

A natureza e o grau de participação varia de acordo com os objetivos da investigação, do próprio investigador e do contexto cultural em que se está inserido.

Os requisitos da observação são, em grande parte, um olhar atento, um ouvido apurado e uma boa memória. No entanto, é comum neste processo a utilização de filmagens, fotografias e gravações, que não só auxiliam a memória, como também fornecem detalhes importantes para os processos de análise.

É fundamental para a observação considerar todos os fatos, mesmo aqueles que pareçam triviais. Deve-se dirigir particular atenção, de acordo com Woods (idem) às ocorrências insólitas, conflitos, quebras de ordem, regras, e às coisas que para os participantes têm particular importância, mesmo que pareçam estranhas.

Outro aspecto importante são as notas de campo. O objetivo principal deve ser sempre o registro mais completo e fidedigno possível das observações do dia, uma vez que a investigação depende da exatidão deste material.

Cada etnógrafo constrói a sua maneira uma forma de registrar as notas de campo. Uma série de possibilidades podem ser utilizadas, desde o uso de palavras-chaves, frases ou mesmo diálogos escritos de forma taquigráfica. O importante é que dados e informações importantes possam ser, organizadamente, registrados.

É necessário, no entanto, tomar alguns cuidados para que o fato não provoque interferências na interação, como, por exemplo, mobilizar nos membros do grupo sentimentos ou a impressão de que estão sendo julgados ou avaliados.

Ainda que a observação se constitua como o principal instrumento da etnografia, as entrevistas são muito importantes para investigar a visão de determinadas pessoas sobre os fatos e recolher informações sobre determinados acontecimentos ou problemas.

Colabora nesta tarefa o fato de haver entre o investigador e o entrevistado um clima de espontaneidade, confiança e respeito pelos sentimentos e opiniões do outro. O objetivo é captar as opiniões e percepções das pessoas sobre os fatos, sem que haja distorções ou falsas interpretações por parte do pesquisador.

<sup>4</sup> Aspectos mais específicos e detalhados sobre a utilização das técnicas etnográficas estão descritos em:  
a) ANDRÉ, Marli E. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papius, 1995.  
b) JANESICK, Valerie J. **Ethnographic Inquiry: understanding Culture and Experience**. In: SHORT, Edmund C. **Forms of Curriculum Inquiry**. New York: State University New York Press, 1991.

Desta forma, a utilização de entrevistas não estruturadas, onde o entrevistado possa proporcionar a estrutura da mesma e as perguntas do pesquisador ajudem a descobrir as nuances ou a esclarecer aspectos específicos, é a mais indicada.

Da mesma maneira que as observações, as entrevistas devem ser registradas de forma cuidadosa e minuciosa. Para isto, faz-se uso de gravações e/ou registros escritos que podem incorporar, além da fala da pessoa, anotações sobre comportamentos, silêncios, etc.

A utilização de materiais escritos como registros, horários, atas de reuniões, planos, documentos utilizados na escola, arquivos, estatísticas, documentos oficiais, cartas, exercícios, exposições e textos de modo geral, constituem-se em apoio útil às observações, que contribuem para a reconstrução dos acontecimentos e para fornecer informações sobre as relações sociais.

Sem dúvida, os documentos não apresentam verdades absolutas e devem sempre ser considerados com bom senso e contextualizados no tempo e espaço que representam. É recomendável, portanto, perceber as omissões, os silêncios e distorções que alguns documentos produzem.

As análises deste material, bem como das observações e das entrevistas, realizam-se simultaneamente à coleta de dados. Quando se observa, entrevista-se ou tomam-se notas, o trabalho do etnógrafo não é o de apenas registrar os dados. Concomitantemente, há o trabalho de reflexão que vai informar os passos seguintes da pesquisa.

Woods (idem) indica como a investigação constrói-se progressivamente em uma dinâmica de vai e vem, onde a análise dos primeiros dados conduz o investigador a aprofundar e precisar os primeiros conceitos e iniciar novas observações tendo em mente a forma de enriquecer as hipóteses e a elaboração teórica. A compreensão intensifica-se à medida que se realiza o movimento de diálogo entre as observações/registros e as análises.

Silva (1994) enfatiza que na relação entre etnografia e teoria está implícito um processo de elaboração conceitual voltado para o conhecimento de uma realidade concreta. Não se trata de recorrer a um modelo teórico acabado, mas de construir categorias que realizem o trânsito entre o processo de observação e interpretação de modo a superar o contexto particular e abranger o contexto social na sua totalidade.

Desta forma, embora a pesquisa etnográfica seja um processo aberto e flexível, não significa que prescindam de um referencial teórico. O que acontece é que, no dinamismo do cotidiano estudado, vão se explicitando, cada vez em maior grau, os conceitos a serem utilizados.

Woods (1995, p. 161) revela

*Las categorías y sus propiedades se anotan y se “saturan”. Los conceptos surgen del campo, son controlados y recontrolados a la luz de datos ulteriores, se los compara con otro material, se los refuerza o tal*

*vez se los formula nuevamente de otra manera. En el proceso de investigación se construyen modelos de sistemas y poco a poco va tomando cuerpo una teoría, con sus características distintivas de explicación y de predicción que vinculan los conceptos revelados para formar un todo integrado, cuya operatividad ya se ha demostrado.*

## Considerações Finais

Diante do acima exposto, é possível afirmar que realizar um trabalho do tipo etnográfico nos possibilita analisar e discutir o espaço/tempo da sala de aula lançando sobre ela um olhar que possa, ao mesmo tempo, desvendar os meandros do seu cotidiano relacionando-a com a totalidade que a cerca, seja no que diz respeito ao seu percurso histórico, seja nas suas múltiplas relações com o sistema escolar.

## Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BRONFMAN, A. V.; MARTÍNEZ, I. **La socialización en la escuela: una perspectiva etnográfica**. Barcelona: Paidós, 1996.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.
- JORDÁN, J. A. **La escuela multicultural: un reto para el profesorado**. Barcelona: Paidós, 1995.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- McLAREN, P. **Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- OGBU, J. U. **Etnografia escolar: uma aproximação a nível múltiplo**. In: MAILLO, H. M. V. et.al. **Lecturas de antropología para educadores**. Madrid: Editorial Trotta, 1993.
- SILVA, T. M. N. **A trajetória da inovação em uma escola: uma leitura através da interdisciplinaridade**. 1994. Tese de doutorado. PUC, São Paulo.
- TORRES SANTOMÉ, J. **As culturas negadas e silenciadas no currículo**. In: SILVA, T. T. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- WOODS, P. **La escuela por dentro: la etnografía en la investigación educativa**. Barcelona: Paidós, 1995.
- WOODS, P.; HAMMERSLEY, M. **Género, cultura y etnia en la escuela: informes etnográficos**. Barcelona: Paidós, 1995.